



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SECULO

ERA UMA VEZ...



O COELHINHO E A RAPOSA

UMA coelha disse um dia ao seu filho:
— Meu filho, não vás para longe de mim. Ainda não podes saltar muito e se aparecem, por aí, o cão ou a raposa, comem-te.

O coelhinho esqueceu-se ou quiz mostrar que não tinha medo. A' noite, sem a mãe dar por isso, foi para o campo sózinho e regalou-se a roer couves, cenouras e ervilhas tenras.



me cômas, deixa-me ir para o pé da minha mãe.

— Não posso, porque tenho fome. Se eu tivesse encontrado uma galinha ou, ao menos, figos maduros e uvas, isso, então, era outro caso, e não te fazia mal.

— Ai! — gemia o coelhinho — bem me dizia a minha mãe. ¡Agora ninguém me acode!

Mas a raposa sentiu passos, largou o coelhinho e fugiu. O coelhinho, muito assustado, foi logo esconder-se na sua toca e nunca mais desobedeceu à Mãe.

Nisto, a raposa veio muito sorrateiramente, deu um salto e agarrou-o. Ele, a tremer de susto, disse-lhe: — Raposinha, não

F I M

OS MANGERICOS

■ ■ POR TOUTINEGRA ■ ■



QUASI ao cimo daquela rua, em prédios fronteiros, moram duas meninas com seus pais. Têm a mesma idade e são igualmente formosas.

Uma é pobre e outra rica. Gabriela, a rica, é caprichosa, teimosa, soberba da riqueza que possui e muito má para todos.

Natália é a bondade personificada.

Os pais de Gabriela têm grande desgosto pelo facto de ser tão má a sua filha e, repreendendo-a, enaltecem as qualidades da menina pobre, sentindo imenso prazer sempre que as vêem juntas, pois sabem que, de Natália, só Gabriela receberá bons exemplos e conselhos.

No entanto, Gabriela não gosta de Natália porque esta é pobre e... melhor do que ela, e é, portanto, de todos mais estimada. Natália, tendo só vestidos de tecidos baratos, consegue, à força de andar limpa e arranjada, parecer melhor do que Gabriela. Isto desespera-a, fazendo-lhe nascer, no fundo da alma, um desejo ardente de vingar dessa pobretoza, a quem ela não reconhece as qualidades, atribuindo os seus triunfos, simplesmente, a beijos da sorte.

No passado dia de S. António, à tardinha, passou, pela rua destas meninas, uma mulher vendendo vasos de barro com mangericos, cravos de papel e a tradicional quadrinha. Gabriela, ao vê-los, chamou a vendedora e comprou três vasos, indo pô-los na varanda de sua casa.

Natália, apesar de pobre, não resistiu, também, à tentação de possuir uma coisa que tão bem cheirava. Pedindo autorização à mãe, desceu e comprou um.

Seguiram-se alguns dias e Gabriela, descuidada e indolente, não mais se lembrou dos seus mangericos. Faltando-lhes a água e sem nada que os resguardasse dos ardentes raios de sol, começaram a amarelecer e a murchar.

O da Natália, contudo, cada vez estava mais verdejante e cheiroso, pois ela nunca se esquecia de o regar e tirá-lo para dentro dos vidros quando o sol se tornava mais intenso. Uma manhã, Gabriela, indo casualmente à varanda, reparou nos pobres mangericos quasi secos. Não se preocupou muito, pois sabia que era só querer para lhe darem outros mais, olhando para a varanda de Natália, e vendo o dela que estava lindo, sentiu uma raiva imensa, uma grande inveja.

Até na flor ela fôra mais feliz. Sem ter em conta os

cuidados e trabalhos da menina pobre, enquanto ela, entregando-se à brincadeira, nem sequer se lembrara mais dos seus, atribuía as culpas ao Destino que parecia comprazer-se em a rebaixar. Sentia, então, invadi-la fortes desejos de vingança. Toda a tarde esteve mal disposta, enquanto no seu espirito germinava uma feia ideia.

Anoitecera. A rua estava silenciosa e parecia deserta. Quem, todavia, se afirmasse bem, distinguiria um vulto imóvel debaixo da varanda de Natália que, àquela hora, em casa, estudava atentamente.

Dai a pouco, o vulto moveu-se e, de seguida a um forte estampido, soaram gritos de aflição e de dor.

Quasi simultaneamente, as duas varandas dos primeiros andares fronteiros, iluminaram-se e assomaram, a elas, os pais de Gabriela, de um lado, e do outro Natália que, dando por falta do seu vaso, desceu, apressadamente, a escada.

Ao chegar ao passeio estacou, admirada: Por terra Gabriela, tendo a cabeça a escorrer sangue, chorava e, em volta dela, partido, o seu vaso, a terra espalhada, o mangerico e o cravo de papel arrancados e um pau muito comprido... Pousou a luz que trazia e, erguendo Gabriela, sacudia-lhe os vestidos, precisamente quando chegavam os pais que, ao verem a filha cheia de sangue, perguntaram o que sucedera. Ao ouvirem a explicação, dada pela filha, a quem o remorso, por ver que era aquela, a quem pensara fazer malquem lhe acudira fizera dizer a verdade, ficaram perplexos e desgostosos.

Chamaram imediatamente, o médico que declarou não ser nada de cuidado.

Passada uma hora, Gabriela chorava abraçada a Natália, pedindo-lhe desculpa.

O pai, comovido, dizia-lhe: — Minha filha, foi Deus que te castigou, fazendo com que te caísse sobre a cabeça o vaso, a que tentavas destruir a planta, com aquele comprido pau. Em vista disso, vê bem que Deus

não aprova vinganças invejosas.

Procura imitar Natália na bondade, na singeleza, no cuidado com as suas coisas e serás estimada, brilharás como ela. A questão é «quereres»; no «querer» está tudo.

Gabriela «quis»! Apesar de passado pouco tempo, é já muito melhor e ainda ha-de vir a ser boa de todo. E quem lucrará é ela, pois dando mais alegrias aos que a estimam viverá mais satisfeita e quem é mau só tem desgostos e inimizades.



■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■

O REGRESSO

Por EMILIA BRANCA SERRA

Desenhos de A. CASTANE



A no alto, numa casita de janelas verdes, vivia a Angela do Pôco com uma filhinha de tenra idade, Maria Luisa. Ainda não havia dois anos que o pai morrera na guerra contra os alemães, deixando à sua mulher e à filhita duas quintas (a do Rabaçal e a Nova), onde Angela todos os dias ia buscar, à noitinha, hortaliça e fruta, para, no dia seguinte, ir vender à vila. Eram pobres mas a casa estava sempre no maior accio.

Maria Luisa, por vezes, quando a mãe saía, enchia o reço das pobrezinhas com esmolas, tais como:—pão, milho, fruta, etc., e, um dia, a tia Virginia, uma velhota muito má, disse à Angela:—Ai filha, está tudo tão mau e a Luizita, na tua ausência, a dar tudo aos pobres!

A boa mulher, ao regressar a casa, ralhou com a criança, mas esta continuou sempre a proceder do mesmo modo. Foi, então, que a mãe escreveu a sua irmã pedindo-lhe, encarecidamente, que deixasse, por uns tempos, Maria Luisa estar em sua casa. Passados oito dias, Guilhermina veio buscar a pequena que, à partida, soluçou bastante. António, o neto da tia Virginia, veio também dizer-lhe adens, e, após desaparecer o combóio, sentou-se no chão a esperar e a cho-



dela a velhota caminhava, também, a passos lentos, trazendo pela mão o neto endiabrado...



rar, dizendo:—A Maria Luisa é má. Eu brincava tanto com ela e agora foi-se embora!...

Angela também voltou, para casa, engolindo em seco, e soltando, de quando em quando, um suspiro muito profundo, que seria capaz de enternecer um carrasco. Junto

Maria Luisa afeiçoara-se muito à tia. Não gostava de a ver a orar, porque, quando o fazia, estava sempre triste e capaz de lhe ralhar se fizesse barulho, mas, nas horas livres, a tiazinha lia-lhe histórias e ensinava-a a fiar.

No entanto, Luisa lembrava-se muito dos seus pobres e da mãezinha, e como a tia lhe dissesse que estaria agora consigo até à sua morte, a pequena, fitando-a, retorquia:—Oh! tenho muito que esperar!... Se Deus quizer nunca mais chega a sua morte... Então, a tia beijava-a e metia-lhe no bolsito do bibe uma moeda muito reluzente, que fazia com que Luizita dissesse:—Com este dinheiro compro um vestido, uns sapatos e um bôlo... E a tiazinha ria, fazendo com que Luisa córasse envergonhada e, nervosa, começasse a chorar.

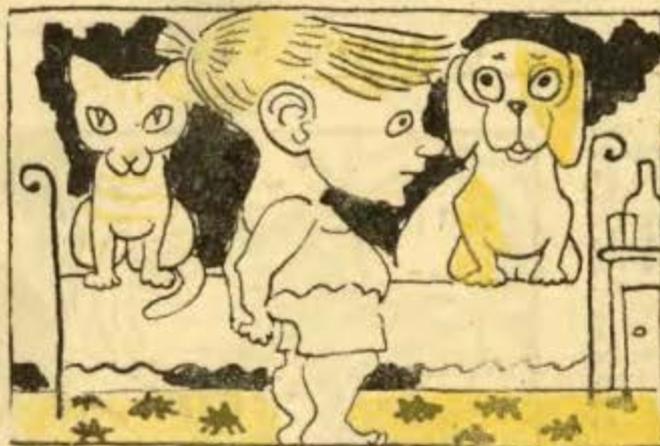
Decorreram dez anos que a Luisa pareceram dez séculos.

Já pouco se lembrava da mãe e da aldeia. Saía dela aos oito anos; tinha, portanto, dezpito. Nunca mais vira a mãe. A casa da tia já a aborrecia, e já achava feios os cisnes brancos que vogavam no lago!

O seu sonho era tornar a ver a mãe e a aldeia. Porém

(Conclue na página 6)

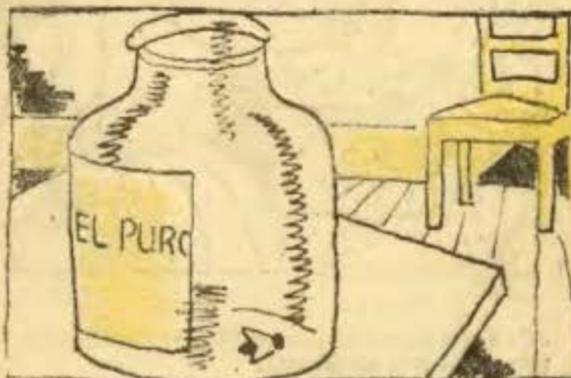
QUEM TERIA IDO AO



I—Meus meninos, tenho o gosto de apresentar-vos Zézito e seus amigos, de rosto sempre risonho e bonito.



II—Afirma a família que ele para a pintura é frecheiro e pode, com seu pincel, vir a ganhar bom dinheiro.



V—Mas no dia imediato o boião surge vasio... Quem seria?... O cão, o gato, a criada, o rapazão?!



VI—A cozinheira, coitada, medita, pensa, repensa, pois lhe estava confiada a chavinha da despensa.



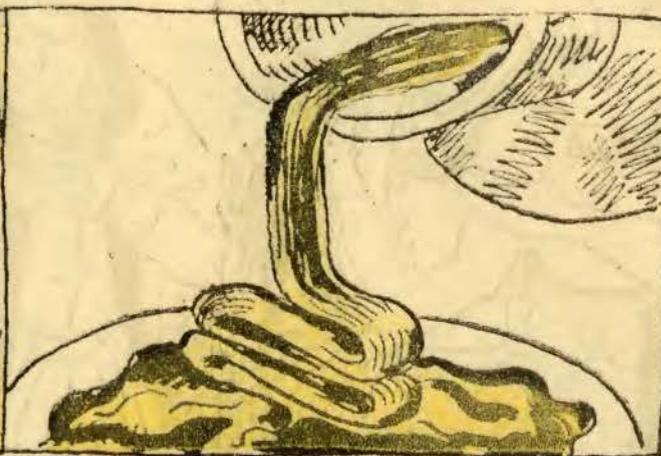
VII—A mãe do Zézito, logo esta acusa injustamente mas ela, num desafoço, afirma estar inocente.



VIII—O Tareco que sabia quem o mel tinha papado, pescando um dos olhos, ria, com malícia, para o lado.

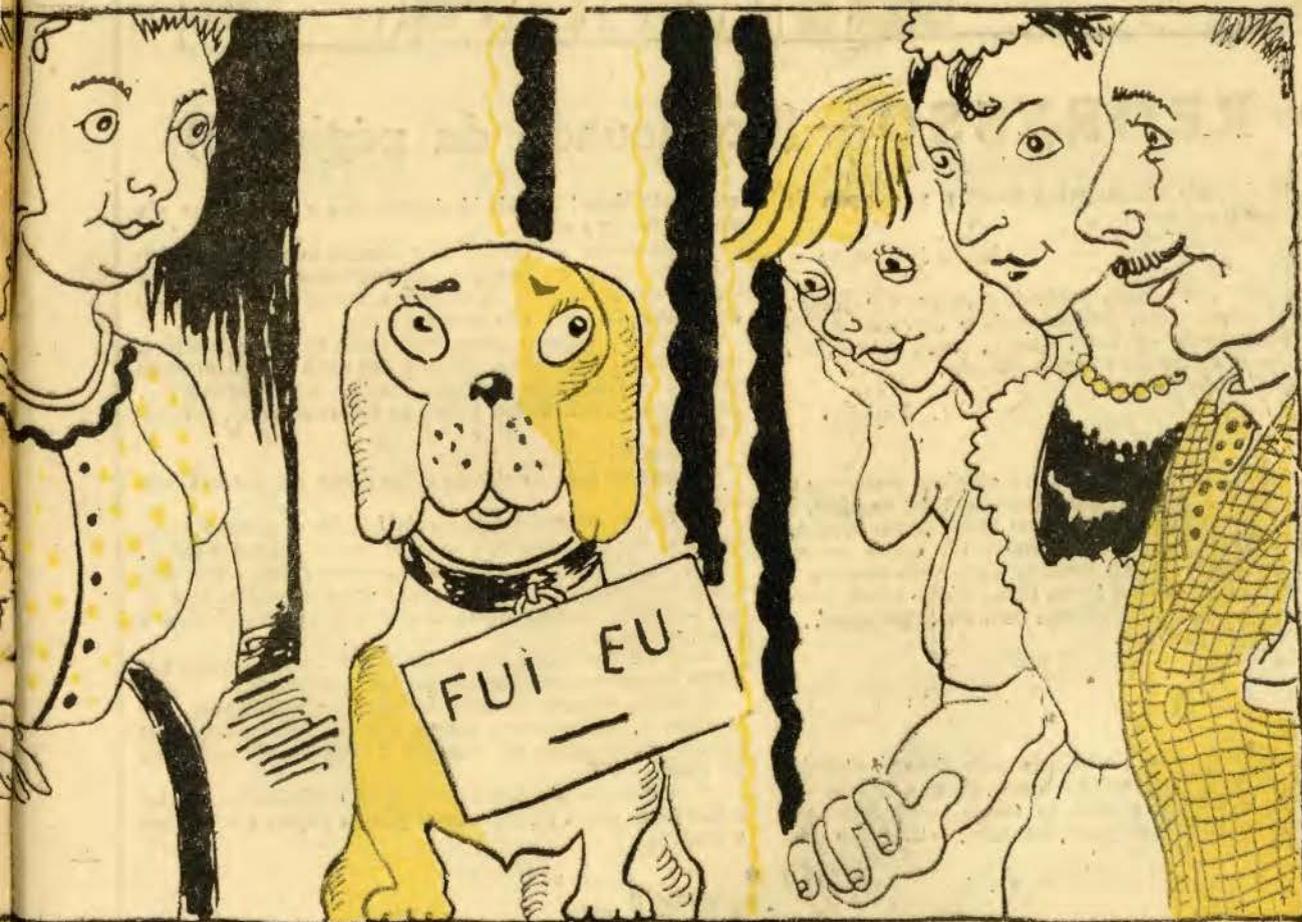
O MEL?!...

Por CASTANE E S. R.



III—Dotado dum gosto tal que até é raro entre estetas, tem um geito especial para pintar taboetas.

IV—Um certo dia, os pais dêle receberam de presente um rico boião de mel que era de marca excelente.



IX—Nisto o Bêu-bêu, certo cão que era da casa os cuidados, ganindo, chama a atenção dos papás e dos criados.

X—E, então, num grande alvoroço, vão encontrar o Bêu-bêu com um letreiro ao pescoço, em que se lia: — «Fui eu!».



O REGRESSO — (Continuado da página 3)

certa manhã de Maio, Guilhermina recebeu uma carta da irmã. Era assim redigida:

«Minha boa irmã:

Venho, por este meio, pedir-te um grande favor. Traze-me a minha filha, porque sinto o derradeiro momento aproximar-se de mim. Quero, antes de morrer, beijar as faces da minha querida filhinha.

Tua irmã, amiga

Angela.»

Guilhermina ficou sobressaltada e afligia-a muito ver a sobrinha com o rosto escondido entre as mãos, no pátio, a soluçar. No combóio algumas vezes Maria Luisa dissera, chorando, à tia: — Ai, tia Guilhermina tão pouco tempo vivi com minha mãe! A boa mulher, procurando consolar a rapariga, dizia-lhe: — Tem fé em Deus. Tenho cá um pres-
sentimento de que ainda viverás com ela largos anos... E eis que chegam à aldeia.

Guilhermina, não se lembrando onde ficava a casa da irmã, perguntou a uma mulher onde morava Angela do Póço. Esta, colocando a mão na testa, indicou-lhe uma quinta que se avistava ali perto, dizendo: — Olhe, ela está

na quinta Nova! Quando lá chegar, abra o portão que ela anda a varrer a eira.

Guilhermina e Maria Luisa ficaram admiradas de Angela não estar de cama, e, desconfiadas, dirigiram-se à quinta. Efectivamente ela andava a varrer a eira, entoando uma canção triste e não estava dormite.

Ao vê-las, Angela, correu como louca ao portão, e beijou, com sofreguidão, a filha. Mirou-a dos pés à cabeça, dizendo consigo: — Que bem vestida! Parece uma senhora!... Entretanto, Guilhermina bateu no ombro da irmã, pergun-
tando-lhe:

— Então?!...

E Angela que lhe lêra no olhar o que ela queria saber, disse:

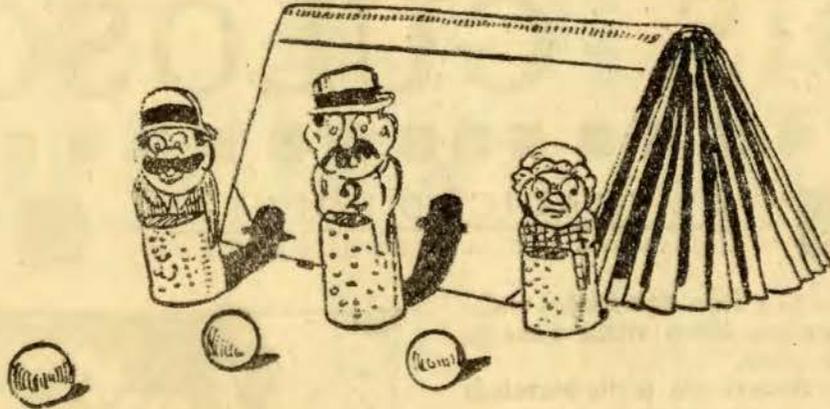
— Tinha muitas saúdaes da Luizita e, como via que de outra maneira não m'a trarias, resolvi enganar-vos... Nisto, o António Frotas passou, e, vendo Maria Luisa, carregou o sobrolho. Conhecia aquela moça não sabia bem de onde. Então, Angela abriu o portão e, apontando para a filha, perguntou:

— O António, lembras-te da Maria Luisa? Aquela por quem choraste quando se foi embora, lembras-te?

António, insensivelmente, deixou rolar, pelas faces, uma lágrima, e, passados uns meses, realizava-se, na capela da aldeia, o casamento de António Frotas com Maria Luisa do Póço.

Foram muito felizes e tiveram muitos bebésitos que eram o enlevo da avó e da tia, a qual passou depois a viver com a irmã.

fim



PIM-PAM-PUM IMPROVISADO

Com algumas rólhas de cortiça, berlindes de vidro, cartolina e um canivete poderão com facilidade improvisar um jogo que terá tanto mais interesse quantos mais forem os concorrentes e os bonecos.

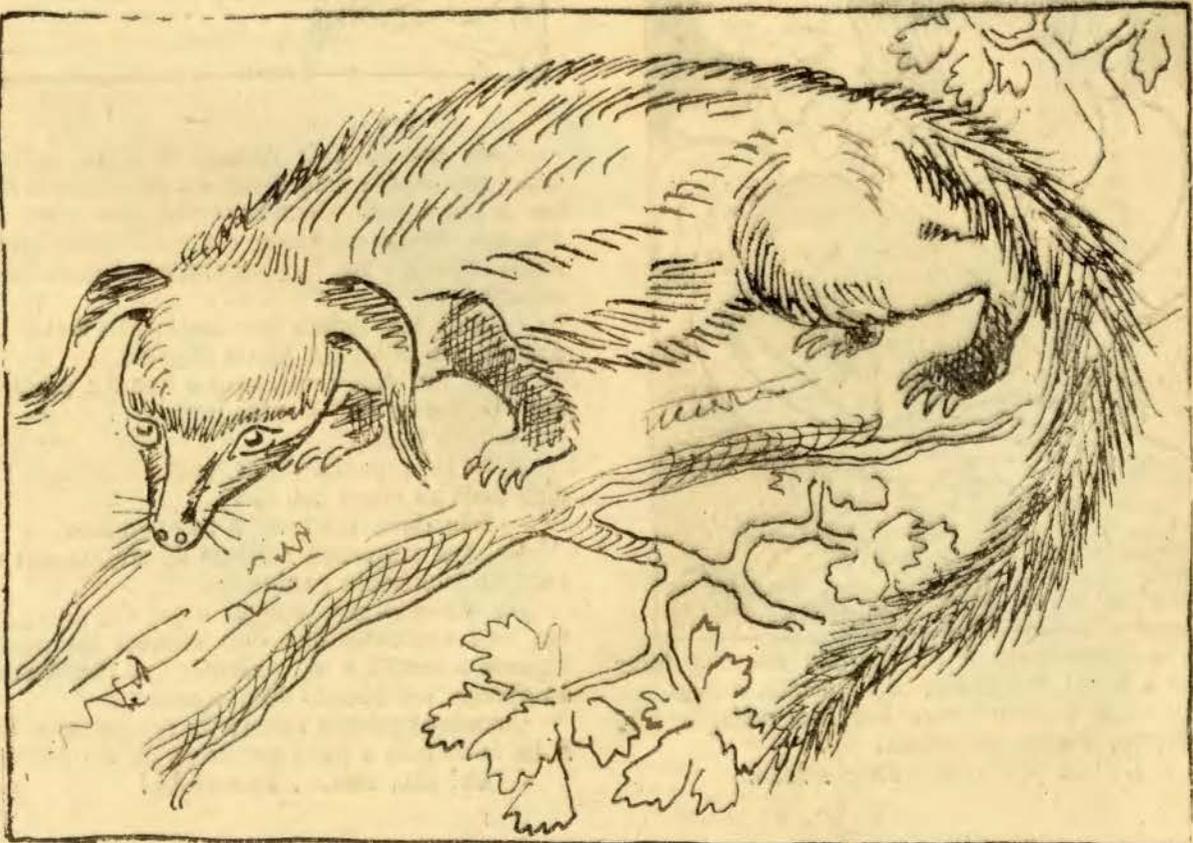
Como estão vendo na gravura, o fundo é representado por um livro, à frente do qual se colocam as marcas, rólhas, às quais se faz uma fenda onde se metem os bonecos numerados ou não.

Os concorrentes estão no extremo da mesa e os bonecos no outro.

Com um piparote impelem os berlindes de encontro às figuras, esforçando-se, é claro, por deitar abaixo as de números mais altos.

Aquele que conseguir um maior número de pontos, ganha o jogo.

Para os meninos colorirem



O BENTUBONG NEGRO—(Arctitis Binturong)

DOIS GULOSOS

DA TRADIÇÃO POPULAR

Desenhos de ADOLFO CASTANE



AURÉLIO e João, dois irmãos muito amigos, foram visitar a sua tia Virgínia.

Andava ela muito atarefada a fazer marmelada e compota de ameixas. Recebeu os dois sobrinhos com alegria e disse-lhes: — Podeis andar pelo quintal e pela casa, á vontade; mas não mexais, nem com um dedo, no doce de ameixas nem na marmelada. ¿Prometeis isso?

— «Tia Virgínia, — (disse o João) — prometo não tocar com o dedo nas ameixas nem na marmelada!»

— «Eu, também, prometo» — disse o Aurélio.

— «Ide, então, brincar.»

— «Ai, que linda marmelada!» suspirou o João.

— «Que amarelinha!» — (exclamou o Aurélio)

— «E se nós provássemos?»



— Prometemos á tia Virgínia não lhe tocar com o dedo! respondeu, timidamente, o João.

— Mas podemos tocar-lhe com a língua, sem faltarmos á nossa promessa!

— Lá isso podemos — disse o João.



Cada um dos dois gulosos levantou, então, o papel que tapava uma tijela, e começaram a lambear a marmelada, como se fôsseem dois gatos. Daí a pouco, tinham os beiços e o nariz todos lambuzados. Então, a tia Virgínia chegou e ficou muito espantada.

— «Não me tinheis prometido não mexer nos doces? perguntou ela, muito zangada.

— «O' tia! Nós cumprimos o que lhe prometemos. Os nossos dedos estão limpos...»

— Está bem!

— O João pediu, então, com voz meiga: Não diga nada ao nosso pai, não?

— Não direi. Ide lavar a cara, gulosos!

Os dois pequenos pularam de alegria, por serem tão facilmente perdoados.

No dia seguinte, porém, o pai dos dois gulosos, não consentiu que eles saíssem do quarto, durante a manhã e só consentiu que lhes dessem ao almoço, um bocado de pão seco.

Quando os gulosos viram a tia, perguntaram-lhe: A tia falou com o papá por causa da marmelada?

— Ah! não, mas... escrevi-lhe!